



JUVENTUDE URBANA POBRE E OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA CONTEMPORANEIDADE: TRABALHO, EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

Camile Biscola do Vale¹

Resumo: Este trabalho resulta de uma pesquisa em andamento realizada com quatro jovens pertencentes à classe trabalhadora e frequentam o Ensino Médio no município de São Caetano do Sul-SP. Para tanto, o objetivo principal foi investigar a relação que se estabelece entre jovens, trabalho, educação e família. Neste sentido, se problematizou sobre os reais impasses enfrentados pelos jovens, bem como as alternativas que estes utilizam nestas relações. A pesquisa é de natureza qualitativa e teve como suporte a metodologia da história oral e, como intenção dar escuta aos jovens de ambos os gêneros até o presente momento entrevistados. Estes frequentam a escola pública estadual no período e vivem na expectativa de encontrarem uma ocupação, depositando na educação suas esperanças de inclusão no mercado de trabalho para a realização de seus projetos de vida. Frigotto (2004, p.180) ao tratar da questão juventude, trabalho e educação menciona o fato de que “Essa complexidade e essa controvérsia têm início com a dificuldade de se ter um conceito unívoco de juventude, por razões tanto históricas quanto sociais e culturais”. Vale ressaltar que os jovens sujeitos da pesquisa, pertencem a famílias que pertencem à classe trabalhadora, do Município de São Caetano do Sul-SP.

Palavras chave: Juventude, Trabalho, Educação, Família, História Oral.

Reconhecendo a condição juvenil

Somente no final do século XX, é que a juventude tornou-se questão preocupante para o Estado e para as políticas não governamentais, para o planejamento econômico e sanitário, para legisladores, pesquisadores de áreas diversas e comunicadores sociais. Desta forma, passam a ser vistos como patrimônio de uma nação.

¹ Assistente Social, mestre em Gerontologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, docente do Curso de Graduação em Serviço Social pela Faculdade Tijucussu em São Caetano do Sul – SP. Fone: 11 949444222 – Email: camilesocial@hotmail.com.



Para Groppo,

A juventude é construída, do século XIX ao início século XX, através de instituições preocupadas com a proteção dos indivíduos ainda não maduros e diagnosticadas em suas fragilidades ou através de instituições interessadas na potencialização das capacidades desses indivíduos, entre as quais as instituições escolares, as ciências modernas, o direito, o Estado e o mundo do trabalho industrial (GROPPO, 2000, p. 77).

Assim, contextualizar a juventude torna-se fundamental, pois que o processo de formação na contemporaneidade se vê diante de diversificados fatores, que acarreta certa superficialidade na aquisição de conhecimentos, como:

[...] a cultura do consumo, geradora de múltiplas necessidades rapidamente descartáveis, o quadro recessivo, que amplia a exclusão social, associado à pulverização das relações coletivas, levando à individualização e ao desinteresse na esfera pública e política. A partir desse panorama, ocorre o desmapeamento, ou seja, a perda de referenciais que se configuram, como efeito, significando a fragilidade diante da vulnerabilidade das referências e dos laços socioculturais.

Por outro lado têm-se as transformações aceleradas da vida contemporânea e a crescente complexidade social que resultam em conseqüência como as dificuldades de compreender a realidade na sua transformação e a diversidade de formas de existência que se atualizam nas múltiplas redes de valores, afetos, tradições e perspectivas. Ainda por esse viés detecta-se que os espaços públicos gerado pela violência, insegurança e pelo individualismo exacerbado, ensejam a multiplicação das práticas de autodefesa, de desagregação social, reduzindo as oportunidades de intensificação da convivência, de trocas e de experiências. Do mesmo modo, o aumento das dificuldades econômicas e suas conseqüências sobre a inserção social e profissional de grande parcela da população atingem de forma dramática os jovens no meio urbano especialmente aqueles que pertencem às camadas sociais empobrecidas.

Este estudo estudou os jovem na sua concretude, ou seja, um caráter um caráter sócio-histórico ao conceito generalizante, constituído por um



processo linear e homogêneo, pois é imprescindível referir a condição juvenil como ponto de partida, a fim de facultar a compreensão da heterogeneidade de situações e experiências que marcam a diversidade de modos de inserção social.

Assim, durante os estudos vieram algumas indagações como: O que é ser jovem? Será a juventude de fato uma categoria geral para todas as classes sociais ou existe segmentação entre juventude na classe pobre e rica? Quais as condições em que eles vivem na passagem para a vida adulta?

Os referenciais teóricos que ancorou este estudo possuem heterogênea produção de conceitos sobre a juventude, certa ambigüidade e dificuldade para definir o que seja de fato a juventude. Certamente não se trata de encontrar uma definição pura, válida em todos os aspectos e todas as épocas. Após realizar a pesquisa bibliográfica sobre a condição histórica da juventude no Brasil, há concordância com os autores como Spósito (1996, 1997), Abramo (1997), Melucci (1997), Levi e Schmitt (1996), entre outros, que reforçaram a afirmação de que não é fácil conceituar a juventude. Trata-se de uma categoria vista de forma variada, pois fatores diversos podem influenciar na elaboração desse conceito, tais como: diversidade cultural, contexto sócio-histórico, visão inter-geracional, ciclos de vida, maturidade, entre outros.

Como assinalam Levi e Schmitt

[...] no interior de margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder (LEVI e SCHMITT 1996, p. 8).

Spósito (1998) indica que o conceito de juventude, por vezes, é tratado como uma transição para a vida adulta. A autora adverte para a idéia de que essa transição não é igual para todos, pode ser antecipada, ou apresentar práticas desconectadas entre os mundos jovem e adulto. Vale também considerar o pensamento de Melucci (1997) quando adianta que deveria se perceber a juventude como "um assumir-se culturalmente a característica juvenil independentemente da faixa etária, diante de contextos



diferenciados e de um tempo de improvisação e provisoriedade". O citado autor destaca:

Revela-se pelo modelo da condição juvenil um apelo mais geral: o direito de fazer retroceder o relógio da vida, tornando provisórias decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais (MELUCCI, 1997, p.13).

Abramo (1994, p. 11) assinala que a juventude pode ser considerada,

Como situação de passagem compõe uma condição de relatividade de direitos e deveres, de responsabilidades e independência mais amplas do que os da criança e não tão complexo quanto o do adulto. Assim como os limites de início e término dessa transição não são claros nem precisos [...] imprimindo à condição juvenil uma imensa ambigüidade (1994, p. 11).

A pesquisa e método

Para o presente trabalho, a definição de pesquisa encontra-se embasada em Minayo (2004, p. 17) que faz a seguinte abordagem: "Entende-se por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade". É a pesquisa que sustenta um bom trabalho, ela nos diz o que existe no momento presente.

Neste sentido a pesquisa em questão é de natureza qualitativa defendida por Minayo como sendo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p.22).

A metodologia qualitativa baseia-se em significados das ações e relações humanas. Em uma pesquisa, o processo de trabalho é iniciado com um problema ou uma pergunta, mas seu término é capaz de deixar alguns



pontos de interrogações. Para uma pesquisa qualitativa é necessária uma proximidade maior com o campo de observação, para se ter uma visão mais ampla do fenômeno estudado.

Para Martinelli (1999), as pesquisas qualitativas buscam conhecer a história de vida e as experiências sociais dos sujeitos. Uma pesquisa qualitativa busca objetivos definidos, e nunca é feita somente para o pesquisador, como para o pesquisado também. Martinelli leva em consideração que a pesquisa qualitativa:

[...] é que exatamente por ser um exercício político, uma construção coletiva, não se coloca como algo excludente ou hermético, é uma pesquisa que se realiza pela via da complementaridade, não da exclusão. (MARTINELLI, 1999, p. 27)

O pesquisador tem que saber com clareza, o que deseja pesquisar. É necessário que o pesquisador apresente seus propósitos no local em que vai ser realizada a pesquisa de campo. Para investigar de que forma ocorreu a inclusão dos jovens na escola e no mercado de trabalho, utilizamos a pesquisa de natureza qualitativa e a metodologia de história oral. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos o roteiro de entrevista semi-estruturada.

Como entrevista semi estruturada entende-se, segundo Lang (1998),

As entrevistas semi-estruturadas permitem ao entrevistado maior espaço possível para o relato oral sobre as experiências obtidas, “serve também para os entrevistados relatarem a complexibilidade”, revelando assim a realidade social a que se sujeitam, tendo como ponto de partida a compreensão de que “o relato oral não constitui a verdade absoluta, mas mostra a verdade do entrevistado”. (LANG, 1998, p. 12).

Utilizamos o termo história oral por ser uma forma específica de discurso: “a história oral evoca uma narrativa do passado; indica um meio de expressão, sendo também um campo de estudo que se dedica à narrativa e lingüística”. Ou ainda, a História oral é “um discurso dialógico de que os entrevistados dizem através da nossa presença em campo e por nossa



apresentação do material”. (PORTELLI, 1997, p. 12).

Para a realização das entrevistas utilizamos o gravador conforme solicitado no Termo de Consentimento Livre. O relato oral foi feito através de gravações, depoimentos pessoais, isto é, investigações ligadas à memória individual, uma prática que está sendo chamada na França de “arquivos orais”, e noutros países recebe o nome de “informação viva”. (PORTELLI, 1997, p.12).

A técnica de depoimentos pessoais que utiliza o gravador “limita-se ao espaço de investigação representado pelo presente e pelo passado imediato, isto é, pelo período que possa ser armazenado na memória dos indivíduos”. (QUEIROZ, 1988, p. 74).

Através do registro da informação viva foi obtida informação direta do informante e de suas motivações específicas, alcançando riqueza nos dados, uma vez que, “além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante abre portas para o implícito, seja este o inconsciente coletivo”. (QUEIROZ, 1991, p. 75).

Nas entrevistas foi dada ênfase à espontaneidade do relato sem provocar interferência, a não ser quando necessário para interromper o diálogo de suas recordações e informações seguindo seu próprio ritmo e orientação.

Ao término do registro dos depoimentos dos sujeitos entrevistados, iniciamos a transcrição das fitas, que passaram a ser digitadas, permitindo um manuseio mais fácil das consultas, além de ter mais eficiência ao conservar o documento.

Entende-se por transcrição, “a reprodução de um documento em plena e total conformidade com sua primeira forma, em total identidade, sem nada que o modifique; é aplicado a documentos orais”. A reprodução é efetuada “com o fim específico da conservação dos mesmos em local onde fiquem preservados, porém onde possam também ser facilmente atingido por quem deseje consultá-los”. (QUEIROZ, 1991, p.86).

Os sujeitos da pesquisa: breve apresentação

Neste fazer investigativo foram entrevistados 4 quatro jovens, sendo 1(um) menino e 3 (três) meninas que são:

- **Jaqueline:** 17 anos. Cursa a 3º ano do ensino médio. Encontra-se desempregada há três meses.
- **Lucas:** 16 anos. Cursa 3º ano do ensino médio. Exerce as funções de repositor de mercadorias nas gôndolas do Carrefour (supermercado). Mencionou que iniciou atividades laborais em 2014 no atual emprego.
- **Lara Carolina:** 17 anos, cursa a 3º ano do ensino médio. Exerce a função de Estagiária pelo CIEE na Caixa Econômica Federal há um ano e quatro meses.
- **Talita:** 18 anos. Cursa 3º ano do ensino médio. Atualmente está desempregada. Já teve trabalho forma, e hoje faz alguns “bicos” como manicure. Faz umas três unhas por dia e ganha em média uns 100,00 reais por mês.

Conhecendo as histórias e analisando-as

No que diz respeito às suas visões relativas à questão da educação no nosso país e os motivos que os levaram a estudar, narraram que,

Minha mãe sempre me falou que sem estudo você não é nada e eu to começando a achar que é verdade mesmo. Não está boa não. Porque os alunos não querem nada com nada e os professores muito menos ainda, então... (Jaqueline)

Bom! Educação vem de casa né? E quem incentiva educação é o pai e a mãe e quem está próximo de você, educação é muito importante para gente né? E para todos nós também né? Educação é muito bom, é um princípio na vida. Escola não traz tanta educação assim, como vem de casa, como os pais ensinam. Na minha escola no geral, não tem tanta educação assim porque tem falta de respeito com o professor, com aluno, com o diretor e hoje em dia acontece muito disso, ainda mais com os jovens que são mais rebeldes. (Lucas)

Acho que hoje no Brasil a educação ela está bem ruim, apesar de o município que eu moro, comparado a outros municípios, outros lugares é bem pior, mas assim eu acho que falta muito investimento e também acho que não tem investimento porque não interessa que os adolescentes as crianças elas consigam pensar. Então, não é interessante para o governo para quem está lá que a população que vota nele pense. Então, eu acho que falta isso, e também falta muito interesse do adolescente e da criança enfim da pessoa mesmo de querer esse investimento porque, acho que uma coisa vai levar a outra, então, se você tiver interesse uma massa de pessoas tiver esse interesse, elas vão procurar entender mais até em quem elas irão votar, para fazer aquela diferença, então eu acho que a educação hoje no Brasil, ela acho que é um dos principais pontos do porque nosso país tem tanto problema. No Brasil falta interesse dos governantes e também de quem está estudando. Um dos motivos que eu estou estudando é porque eu tenho a consciência de que se eu não estudar, não terminar o ensino médio, que seja, eu não vou conseguir algo fixo que eu quero, então



*acho que se eu quero fazer uma faculdade, se eu quero pagar uma faculdade, tenho que ter a noção de que terminar o ensino médio e estudar pra isso, vou continuar no mesmo lugar que eu estou. Mesmo sentindo dificuldade, as vezes cansa, mas sei que na faculdade vou fazer isso redobrado, melhor começar por agora, e porque eu tenho essa consciência, se eu estudar não vou poder falar lá na frente: por que eu não fiz isso? **(Lara Carolina)***

*Ah, o que me leva a estudar é para eu ter um futuro melhor, mas para frente eu conseguir uma faculdade eu tendo bom estudo, eu conseguir alcançar todos os meus objetivos. Sobre a educação no país, eu acho que educação é tudo né? Porque sem educação a gente não é nada, sem respeito então tem que ter educação. **(Talita)***

A jovem Lara Carolina traz na sua narrativa uma severa crítica ao governo do ponto de vista da educação no nosso país, ao colocar a falta de investimentos, ou mesmo a luta dos estudantes por uma educação mais qualificada além do seu desejo de cursar uma Faculdade. Os demais jovens colocam que a educação não está ou que está ruim, todavia sem um conteúdo mais aprofundado sobre tal questão, ou repassando para a família essa responsabilidade, como se esta fosse de responsabilidade deste.

Indagados se a partir de uma boa escolaridade fica mais fácil adentrar no mundo trabalho, e como percebem essa questão, os depoentes assim se manifestaram

*Muito mais fácil muito mais fácil. Bom, porque olhando o cotidiano assim, eu acho assim que é... **(Jaqueline)***

*Sim, porque você tem que ter um curso técnico, para você conseguir um bom emprego. Porque se você terminar até o terceiro do ensino médio, aí você consegue um emprego meia boca, não é um emprego que você vai dar risada no final do mês. **(Lucas)***

*Ah, com certeza. Eu tinha dito né, hoje está tudo muito rápido, sempre vai ter uma pessoa que é melhor que você em todas as áreas, empresas, ela vai ver seu currículo, onde você fez principalmente onde você fez, e se você fez só o ensino médio, o cara que fez faculdade fica com a vaga, você nem entra na lista. Então depende muito que você tenha faculdade, que você tenha curso, mesmo um curso técnico além da faculdade conta muito, não precisa ser nem da área, se tiver isso no currículo conta demais, então, com certeza, eu vejo isso assim, só com o ensino médio você consegue uma empresa se você tiver experiência antes nessa área, mesmo assim vai chegar alguém que fez que estudou que ralou que fez e vai te colocar no chinelo. Eu acho que é isso, nada vez fácil, você tem que ir atrás. **(Lara Carolina)***

*Ah! Com certeza, os empregos que estão tendo hoje, têm que ter estudo, ensino médio completo e até faculdade. Então com certeza é muito, muito importante. **(Talita)***



No quesito acima que trata da boa escolaridade para facilitar a inclusão no mercado de trabalho, apenas a jovem Lara Carolina discorreu com maior segurança sobre esta questão trazendo os critérios exigidos pelas empresas, e as necessidades do ponto de vista do candidato possuir um currículo que atenda as exigências do mercado. Os demais alegaram da importância dos bons estudos e até uma Faculdade concluída.

Na avaliação que fizeram em relação ao mercado de trabalho para os jovens narraram as seguintes questões:

Tá difícil arrumar emprego está muito difícil. Meu trabalho anterior, eu consegui por indicação, que meu pai conhecia uma mulher de lá de dentro e eu acabei entrando. Tenho, procurado desde quando eu sai. Eu mando currículo e fico atrás de alguém que é grandona na empresa e para tentar me colocar lá dentro. Já fiz duas entrevistas, mas acabou não dando certo. (Jaqueline)

Hoje, não é esta difícil não, porque hoje tem a seleção dos jovens aprendizes que as empresas estão dando mais oportunidades para os jovens, através do primeiro emprego. Eu consegui através de indicação, eu me mudei ai eu estava sem trabalhar e eu fui atrás, lá no mercado e eu perguntei se eu tinha prova de jovens aprendiz ai fiz a seleção e passei. (Lucas).

[...] a situação do jovem no mercado de trabalho é bem complexo. Porque a partir do momento que você insere o jovem com quinze anos no mercado de trabalho que seja estágio, aprendiz, uma coisa mais leve, que tipo, ele já vai ter a experiência, quando ele fizer dezenove anos ele já vai ter uma experiência em uma empresa de contabilidade o que seja, em qualquer lugar, vai estar lá no currículo dele entendeu? Que ele completou e tem diversos benefícios que você ganha uma experiência muito grande, teria que ter mais investimento nisso, no jovem. Investir no jovem é um grande mistério e a grande chave para você construir mais para frente um país melhor, então eu acho que deveria ter, tanto na educação quanto no mercado de trabalho, em todas as áreas deveria ser mais investido nos jovens e as exigências que eu tive quando eu fui fazer a prova do CIEE, eu fui fazer a prova na Caixa Econômica e eu não sabia que eu tinha que fazer prova, eu achava que era só entrevista, mas o CIEE não me informou porque era uma agência que estava aberta para fazer a prova e eu nem percebi, mas as exigências foram a idade obviamente e uma coisa assim que o meu trabalho, meu estágio o CIEE cobra é que tem que estar estudando, não tem a possibilidade nenhuma, se você largar de estudar, você perde, porque tem toda uma organização deles com a escola, com o trabalho e com o CIEE, que então, qualquer coisa que aconteça, se você repetir de ano, se você sair da escola e desisti, que é o que acontece na maioria das vezes entre o primeiro e segundo ano, você está fora, eles te desligam na hora, no contrato. Então, assim, as exigências que eu mais senti foi a escolaridade, estar cursando e não desistir, porque se você desistir você perde a oportunidade, então eu vi essa exigência. E claro eu vi na prática, através da prova, eu vi as exigências, português. Eu fiz as provas que envolvia, matemática, geografia, conhecimentos gerais, história se eu não me engano, então o que mais contou foi português, foi o que teve mais exercícios, de palavras que muitas vezes, muita gente hoje na escola, na hora de fazer uma redação para o ENEM, ou na escola, fica, tipo : como? Mas essas são umas exigências que eu sempre tive, porque eu gosto muito de



ler e também de saber pelo menos escrever o português, que eu acho que tem que ser o básico, né? Porque português é uma língua complicada, a prova não tinha muitas coisas complicadas, de palavras que se você não ler você não sabe como escreve, fica naquela dúvida, essas exigências.

*Em relação as formas que eu consegui, é eu fiquei sabendo através de uma amiga minha que trabalhava na Caixa e a agência dela era aberta para você ir fazer a prova, você não precisava ser chamada pelo CIEE. Porque muitas vezes, o CIEE escolhe os jovens através de um cadastro de jovens, onde ele escolhe e liga para esses jovens, para fazer a entrevista naquele determinado local. Então eu fui lá em São Bernardo e fiz a prova e passei em primeiro lugar, de dez doze jovens e eu era a mais nova, eu tinha quinze anos, e a maioria tinha dezesseis dezessete anos ai, eles conversaram com a gente e tudo mais, a gente fez a prova, e a primeira prova era discutir português e matemática e etc, ai eles te eliminam se você não passar, como eu passei para a segunda fase, que era redação, que eles davam o estilo, o tema, e a fonte, para ver se você sabia mesmo mexer no word, excel, ai eu passei também, e até ai, só tinha passado mais umas três pessoas, ai depois só sobrou eu mais uma menina, ai eu passei, quando eu tinha quinze anos, só que elas não sabiam que não podia com quinze anos e tive que sair de lá e a outra menina que ficou em segundo lugar, assumiu e quando eu fiz dezesseis anos, uma das gerentes me ligou, pois ela ficou impressionada com a minha redação e ai eu entrei com dezesseis anos e estou até agora e vou ficar até eu terminar o ensino médio. **(Lara Carolina)***

*Então no momento, está difícil arrumar emprego. Eu ando entregando currículo e nenhuma firma chama para a entrevista, mas acho que é porque eu estou terminando o ensino médio agora, mas é difícil sim. **(Talita)***

Quanto ao mercado de trabalho para os jovens na atualidade discorreram sobre as dificuldades e a complexidade deste mercado. A jovem Lara colocou de forma detalhada a forma como se inseriu como estagiária na Caixa Econômica Federal, e neste mister observa-se que ainda existe no mercado aluem que conhece o candidato para indicá-lo a uma vaga, quando a jovem coloca que, “ *eu fiquei sabendo através de uma amiga minha que trabalhava na Caixa e a agência dela era aberta para você ir fazer a prova, você não precisava ser chamada pelo CIEE*”. Duas jovens investigadas encontram-se atualmente desempregadas, alegando as dificuldades que encontram para esta inclusão e além da Lara apenas o Lucas se encontra trabalhando. Mesmo um dos empregos anteriores da Jaqueline foi também por indicação. Enquanto que Lucas embora alegue as dificuldades enfrentadas no mercado, passou por processo seletivo e se encontra colocado.

Com relação aos salários ganhos e a forma e que gastam responderam que,



*Quando eu trabalhava eu gastava o dinheiro comigo, porque eu não tenho filho, eu não tenho nada, então eu gastava comigo. Na época eu juntei dinheiro para tirar a carta, mas acabei gastando quando eu fiquei desempregada. Eu gastava a maior parte do meu salário com balada. **(Jaqueline)***

*Eu ganho quinhentos reais redondo, que é dia cinco e dia vinte. Eu gasto com besteira, comida e roupa, no shopping, pago uma conta para o meu pai em casa e guardo um pouco. **(Lucas)***

*Eu ganho seiscentos e trinta reais hoje, quinhentos reais de bolsa auxílio e cento e trinta de vale transportes. Hoje, como eu estou trabalhando na minha cidade eu não estou gastando mais esse vale transporte, mas como eu tive uma troca de agência, tive umas complicações, então eu pago o meu cartão (agora eu não tenho mais), mas eu to pagando ainda. Eu ajudou, dou dinheiro para a minha mãe, desde que eu comecei a trabalhar, ajudo em casa, no aluguel, queria estar ajudando mais, mas as vezes não dá e para viajar, para passear, eu gasto com isso. Mas eu compro o que dá para comprar, eu gasto com isso e também eu não sou muito ligada em ficar gastando valores muito altos em roupas, além de ajudar a minha mãe, compro as minhas coisinhas básica que eu compro para mim, roupa, dinheiro de ônibus para ir para escola, mas é isso é um valor que não é muito alto e eu queria estar guardando mais dinheiro, não deu, porque aluguel consome muito, mas eu tô ajudando minha mãe e pretendo ajudar mais, um dia com certeza e nessas coisas e o que sobra eu deixo lá, mas eu queria estar guardando mais, acho importante ter outros meios que você guarde, como dinheiro, como conta poupança, previdência, mas felizmente eu estou conseguindo fazer essas coisinhas e não sou tão dependente da minha mãe. **(Lara Carolina)***

*Eu gasto com as minhas coisas, as vezes quando o Leo precisa de alguma coisa eu compro as coisas para ele, fraldas esses negócios. O Léo é o meu filho. **(Talita)***

Quanto à questão relativa aos gastos com os salários mensais percebidos cada um deles tem a sua maneira de como investir nos parques ganhos mensais, ou seja, aqueles que se encontram no mercado formal ou informal, informando que gastam consigo adquirindo alguns bens, com filho, ou contribuindo de alguma forma com a família, enquanto que Jaqueline atualmente depende exclusivamente dos seus familiares.

Ao comentarem a relação com os familiares se manifestaram da seguinte forma:

*Bem. Só com a minha mãe que eu tenho alguns atritos, porque como eu vou explicar isso? Porque ela gosta de mandar e eu não gosto de ser mandada. E meu pai não. E também no começo a minha mãe não gostava do meu namorado, porque eu tinha terminado um namoro e agora eu comecei outro e ela não se dava muito com o meu atual, mas agora ela já está aceitando. Meus pais me incentivam a estudar e a trabalhar, porém não está fácil arrumar emprego. Para tudo tem que pagar, para estudar, os cursos e tudo e está muito caro. **(Jaqueline)***



Eu tenho uma boa relação com os meus pais e com meus irmãos, a gente não tem briga nenhuma, nem nada de intriga, nem confusão. Eu e meus irmãos se damos muito bem, com todo mundo lá em casa se damos bem. Não temos dificuldades nenhuma de brigas. (Lucas).

Como eu avalio? Ah é boa. Eu moro com a minha mãe e com minhas irmãs, Meus pais são separados, eu tenho uma relação boa com elas. Tem brigas, mas acho que toda família tem, acho que é mal de irmãs, também é só mulher, também é difícil não ter brigas. Mas com a minha mãe e com a minha irmã do meio, nós somos bem chegadas, acho que por conta da idade né? Eu tenho 17 e ela tem 20, e a irmã mais velha tem 27, a gente é um pouco distante, tem as brigas normais que acontece. Mas é boa, mas tem famílias que são bem desestruturadas, tem que dá valor para isso. A gente sempre tenta fazer as coisas juntas assim, por exemplo, almoço, a gente sempre tenta comer junto, é um exercício que a gente faz. E meus pais são separados, eu falo com ele e agora tem melhorado bastante, depois que eu cresci né? Quando eu era criança não era tão assim, mas agora está melhor e está tudo bem! Tá tudo indo. (Lara Carolina)

Com a minha mãe eu me relaciono melhor, mas com o meu pai eu me dou mais difícil e com os meus irmãos eu me dou muito bem. De uma forma geral, também fica muito difícil a minha relação com os meus pais, porque no momento eu não tenho emprego, é muito difícil, é muito ruim, eu ainda sou sustentada pelos meus pais, nem tudo que eu quero eu tenho, mas por isso que eu faço unha de vez em quando para eu ganhar meu dinheirinho, para eu comprar as coisas para mim, mas assim eu não peço quase nada para os meus pais, a não ser que não tenha outro jeito e na medida do possível eles concordam e me ajudam. (Talita).

No decorrer da pesquisa no que diz respeito às relações familiares que são travadas entre entrevistados e os membros que compõe o grupo familiar, apenas Jaqueline e Talita discutiram sobre relações conflituosas que envolvem atritos ou com a figura materna ou a paterna. Por outro lado Lucas não apresentou situações de conflitos, mas Lara traz no seu discurso rompimento de vínculos ao alegar a separação dos pais, algumas brigas normais entre as irmãs, mas isso não significa para ela uma anormalidade, pois acontece com todas as famílias, especialmente para uma casa onde reina as mulheres.

Considerações finais

A pesquisa demonstrou a dificuldade de inclusão dos jovens no mercado de trabalho, numa sociedade capitalista e excludente, principalmente em se tratando de jovens que pertencem à classe popular, se inserir no mercado de trabalho formal, não se torna uma tarefa fácil e a isso se



alia o fator educação enquanto passaporte e mediador desse processo, pois, a instabilidade frente ao mercado de trabalho cerca a todos não só aos jovens, obtendo uma melhora na qualidade de vida por ter uma contribuição a mais no orçamento familiar. A pesquisa indica que um jovem trabalhador na sua jornada - inserido no mercado de trabalho e cursando uma qualificação desperta nele o interesse do aperfeiçoamento profissional e pessoal, tornando um meio de crescimento, evolução e inclusão social. Hoje o trabalhador precisa ter algumas habilidades, em função das exigências do mercado de trabalho. Este mercado vem passando por grandes transformações, tornando-se cada vez mais seletivo, competitivo e exigente, agravando mais para os jovens, que sem experiência procuram a primeira oportunidade. As empresas exigem qualificação e formação permanente, compromisso, dedicação. Aqueles que não preenchem os requisitos ou que não se enquadram nesse perfil são deixados de lado. Tem-se por outro lado o panorama geral da educação brasileira que nos autoriza a crer que ainda conviveremos por muito tempo com estratégias que não correspondem à efetiva superação das complexas demandas que envolvem a área da educação e que deve ser um enfrentamento não apenas do Estado, mas e também dos alunos e da família, na luta constante por uma educação de qualidade e que possa formar cidadãos críticos, pois a educação como uma ferramenta importante para esse desenvolvimento com justiça social, soa bem no discurso, mas não transforma a prática, porque, na verdade, a pobreza é funcional aos que colhem os melhores frutos desse nosso modelo de sociedade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.) Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo; ANPOCS, n. 5 e 6., p. 25-36. 1997

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.). São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LANG, A. B.S. et al. **História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CRU**. São Paulo, Humanitas, 1998.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens**: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa Qualitativa, um instigante desafio**. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade São Paulo: Editora Veras. 1999.



MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5 e 6. São Paulo: ANPEC, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. In: MINAYO, DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu. Teoria, método e criatividade: Petrópolis: Vozes, 23^a ed. 2004.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, nº. 14. Educ, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A Queiroz, 1991, p.73 - 90.

SPÓSITO, Marília. Educação e juventude: versão reformulada de texto apresentado como documento base no grupo temático Educação e Juventude no **Encontro Preparatório à Reunião dos países do Mercosul – Estratégia Regional de Continuidade da V CONFINTEA**. Curitiba, outubro 1998.